

TINHORÃO, O LEGENDÁRIO

Por: Elizabeth Lorenzotti
Publicado em 02/02/2009

Enquanto o país celebrava os 50 anos da bossa nova, José Ramos Tinhorão, seu crítico mais polêmico e devastador, fazia 80. Radical como sempre, proclamou, rindo: “Chega de saudade! Cinquenta anos de admiração pela música norte-americana! Para com isso, rapaziada!”. Silêncio total. Tinhorão não fez parte das comemorações, nem para registro. O jornalista tem 22 livros publicados no Brasil, outros cinco em Lisboa e hoje é um respeitado historiador da cultura popular urbana.

Para quem não o conhece, ou já esqueceu as histórias que o cercam, é bom lembrar alguns fatos. A famosa apresentação da bossa nova no Carnegie Hall foi em 21 de novembro de 1962, mas já em 23 de março daquele ano, na série de matérias sobre a história da música popular brasileira, no Caderno B do Jornal do Brasil, Tinhorão demoliu: “Samba bossa nova nasceu como automóvel JK: apenas montado no Brasil”. Foi aí que começou o ódio contra ele, acredita. Artigos como esse foram incluídos, em 1962, no livro Música Popular, Um Tema em Debate. “Esses artigos, escritos no calor da hora, são lidos até hoje como História. É o meu livro mais reeditado”, orgulha-se.

Também faz parte do livro outro artigo, igualmente devastador, publicado na revista Senhor em 1963 sob o título “Os pais da bossa nova”, com a seguinte abertura: “Filha de aventuras secretas de apartamento com a música norte-americana – que é, inegavelmente, sua mãe –, a bossa nova vive até hoje o mesmo drama de tantas crianças de Copacabana: não sabe quem é o pai”. Quando a bossa nova começou a fazer sucesso no Brasil, todo mundo queria ser o pai, explica. “Nasceu no apartamento de Nara Leão, e quem estava lá? Vinícius, Lira, Baden? O violonista Laurindo de Almeida, trabalhando nos EUA, também queria a paternidade”.

O artigo provocou grande reação entre os jovens adeptos da bossa. Lembra o crítico: “Impossibilitados de responder ao principal ponto – um primeiro levantamento das raízes do processo de alienação cultural imposta à música popular –, partiram para o lado pessoal”. Em 1966, em um show produzido por Carlos Miele e Ronaldo Bôscoli,

Taiguara atirava longe o livro e dizia: "O livro do Tinhorão dura apenas cinco minutos, a bossa nova já vai fazer dez anos". Mas os dois alcançaram a posteridade.

Do livro *História Social da Música Popular Brasileira*:

"Assim, do ponto de vista cultural e ideológico tal realidade de dominação econômica traz para o povo dependente uma consequência cruel: é que, ao envolver a idéia de modernidade e de universalidade (quando se sabe que o que se chama de universal é o regional de alguém imposto para todo mundo), o som importado leva os consumidores nacionais ao desprezo pela música do seu próprio país, que passa então a ser julgada ultrapassada e pobre, por refletir naturalmente a realidade do seu subdesenvolvimento.

Essa espécie de vergonha da própria realidade, desenvolvendo-se principalmente entre as camadas de classe média com caráter de autêntico complexo de subdesenvolvimento, conduz, assim, a uma progressiva perda ou desestruturação da identidade cultural, o que desemboca no ridículo de, ao procurarem tais consumidores colonizados apresentar-se como modernos, só conseguirem aparecer como estrangeiros dentro do seu próprio país.

Essa é a realidade que esta *História social da música popular brasileira* conta: quem achar que não, que conte outra".